

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR

Paulo Roberto Brancatti¹

RESUMO: A filosofia no ensino de 2º grau deve ter um caráter reflexivo onde a atenção principal seja a busca de uma compreensão da realidade existencial e social dos alunos, para uma efetiva concretização da disciplina enquanto atividade específica de conhecimento filosófico/antropológico, direcionadas para a compreensão da cultura simbólica e da identidade humana.

Além da sua especificidade no 2º grau, cabe à disciplina de filosofia realizar um esforço concreto e atuar conjuntamente na integração do currículo e da formação dos alunos, na busca de uma interdisciplinaridade pedagógica, dentro de um projeto educacional, onde programas, conteúdos, atividades culturais, sejam trabalhadas numa perspectiva de integração do estudante enquanto cidadão que interfere (aceitando ou não) na estrutura da sociedade.

Palavras-Chave: Escola; Cultura; Projeto; Reflexão.

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição social e parte integrante da produção e reprodução da estrutura de classes, reflete em seu interior valores produzidos no contexto social em que se insere, revelando, por exemplo, em seu micro questões de doutrinação, passividade, aceitação, manutenção e até de mudanças da ordem existente na sociedade, constituindo-se num espaço onde se pode lutar por transformações sociais.

Se a escola reflete em seu interior as diversidades de culturas dentro das características de cada indivíduo e dentro destas características encontramos ações produzidas pelos meios sociais em que vivem, então perceberemos que a educação é tratada como coisa, dentro de uma circunstância alienante e desumanizante. E esse raciocínio constituído pela lógica da economia capitalista reforça a idéia da negação da contradição, onde a realidade é mascarada e a verdadeira face da educação escondida: a contradição social da existência humana.

Segundo Sarup (1980, p. 126),

"As escolas funcionam de tal modo, na realidade, que o ensino escolar se tornou anti-educador, anti-social. Elas moderam o potencial subversivo da educação numa sociedade alienada. Vários métodos são usados: aceita-se geralmente, por exemplo, que só os que foram instruídos para o conformismo, nas classes iniciais, são admitidos às classes mais adiantadas. Apesar da pretensão de que o ensino não é político, as esco-

las doutrina a criança para a aceitação do sistema político. O ensino escolar é uma forma de doutrinação para levar a criança, passivamente, à aceitação de uma ideologia que a mantém democraticamente no seu lugar".

Dentro dessa caracterização da escola a qual nos reportamos e que nos fazem enxergar a sua dimensão funcional na sociedade, a reflexão sobre a mesma passa por questionamento do tipo: a serviço de quem ou do que se estrutura o trabalho escolar?

No 2º grau, onde o ensino de filosofia se situa, não foge à essa preocupação levantada na questão anterior. Essa fase de escolarização é marcada por uma clientela jovem, que procura aliar conhecimento e trabalho, reforçando a necessidade de buscar parâmetros para a discussão do assunto, sem cairmos numa ingenuidade ou conformismo da situação.

A escola contribui para ajudar o jovem na sua formação específica e global do conhecimento? O currículo, os conteúdos, estão adequados para permitir o desenvolvimento intelectual, afetivo, cultural e social do aluno? E o ensino da filosofia contribui para ajudar o aluno a crescer, desenvolver, refletir e criar um espírito crítico? Como estar atento a essas questões e suas conseqüências sociais?

Essas perguntas são essenciais à medida que a interrogação traz em si um sentido filosófico sobre a mesma, pois, assim que o sentido filosófico se desenvolve, as questões vão tomando seu lugar sem se esgotar, mas dando possibilidades

¹Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

para que novas questões surjam com o mesmo caráter, ou seja, uma busca constante da verdade, não uma verdade pronta e acabada, mas uma verdade processante na relação teoria-prática de questionamento social.

Dentro do sentido filosófico e da intenção de não se esgotar nos questionamentos, esperamos que o trabalho escolar contribua incisivamente para a integração dos educandos nos três universos que tecem a existência humana, a saber: universo do trabalho, das relações sociais e da cultura simbólica.

Dentro da proposta feita pela Coordenadoria de Normas Pedagógicas (ligada a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo 1992), encontramos estes três universos, os quais entendemos de suma importância para compreensão de um trabalho educacional no sentido de combater os processos alienantes, opressores e expropriadores da condição pessoal e coletiva da existência humana.

E ainda,

“...precisa desenvolver-se de forma competente e crítica, garantindo aos educandos as mediações que lhes permitam tomar consciência das condições específicas da existência humana, tanto no plano das relações histórico-sociais, como no plano da vivência subjetiva. E para ser competente e crítica, a educação deve explorar os recursos disponíveis do acervo cultural da humanidade, buscando superar os mascaramentos ideológicos e os processos alienantes que permeiam todas as atividades humanas” (CENP, 1992, p. 15-16).

Neste contexto, a filosofia tem um significado importante: os jovens devem procurar compreender o sentido mais fundamental do eu, do outro e do mundo. A atividade filosófica não espera encontrar soluções prontas e acabadas, mas sim, uma busca constante de superar as contradições dentro de uma visão dialética do conhecimento, onde novamente Sarup (1980, p. 171), nos esclarece dizendo:

“Exigimos uma concepção do conhecimento, da consciência, que seja ao mesmo tempo uma expressão do mundo material e um agente criativo transformador. Em outras palavras, uma concepção dialética das relações entre consciência e estruturas; uma teoria na qual a atividade humana seja modelada pelas estruturas sociais, mas seja também a criadora de novas formas que desafiem e superem essas mesmas estruturas”.

FILOSOFIA, O QUE É?

A primeira idéia que nos vem a cabeça quando tentamos definir a filosofia, é buscar uma razão histórica para sua existência. E como não temos a intenção de defini-la e nem localizar precisamente a sua origem, preferimos admitir a filosofia como “ato de filosofar” e, a partir disso, compreender o homem como um ser situado numa época que se sente perplexo com a realidade vivida e começa a

interrogar-se sobre tal realidade, buscando uma razão mais fundamental para tudo que existe.

É difícil precisarmos o instante exato em que se inicia a atividade filosófica na história. Para isso, precisaríamos saber em que momento o homem começou a questionar-se sobre si mesmo, sobre os outros homens, sobre o mundo em que vive. Em suma, teríamos que determinar quando e porque o homem começou a pensar mais seriamente, mais profundamente sobre determinados fenômenos que perturbavam a sua existência.

Talvez a primeira experiência com o “ato de filosofar” que temos conhecimento, deu-se na Grécia Antiga.

Com o nascimento da pólis, as cidades-estado gregas passam a expandir poder político e econômico para um mundo constituído por Civilizações dominantes e dominadas. Traziam no seu interior de cidade, aspectos importantes da cultura e da participação popular, o que influenciou o desenvolvimento intelectual e fez surgirem pessoas que tinham mais intuições em descobrir, aprofundar e a questionar os problemas reais da existência do cosmo. Aparece aí, a figura do filósofo, ou seja, aquele que ama o saber. Que procura desvendar o saber. Não um saber pronto e acabado, mas um saber que experiência o não saber, do senso ao não senso, da ignorância ao saber. Aquele que busca conhecer alguma coisa, que está sempre a procura de respostas e da constante superação das mesmas. Aquilo que segundo Giles (1983, p. 5) confirma:

“Filosofar é estar em contato constante com os fatos e com a experiência desses fatos, numa atitude de radicalidade sempre renovada, à procura dos pressupostos e dos fundamentos de uma realidade que se manifesta e se esconde. É assim que a Filosofia se encarrega de alcançar os momentos mais ricos da dinâmica existencial do eu e do outro eu no mundo”.

O ato de filosofar começou a surtir efeito nas comunidades primitivas de então, que frequentemente recorriam a mitos para explicar os fenômenos não compreendidos. O mito, em geral, era e é uma explicação que utiliza elementos simbólicos e sobrenaturais para entender o mundo e dar sentido a vida humana, que respondia e responde satisfatoriamente à curiosidade das pessoas. Muito acreditaram e acreditam em certas explicações mitológicas sem uma fundamentação lógica de um saber racional, onde não se põe em dúvida esta concepção.

A partir da dúvida, o ato de filosofar ganha proporções importantes, pois percebendo as contradições existentes nos diversos mitos e não se satisfazendo mais com suas explicações, o homem passou a questioná-los, a pô-los em cheque, e a buscar respostas mais coerentes, mais concretas para suas interrogações.

Sócrates, atento ao caminho da perfeição, inquietava os atenienses de dia e de noite. Ele nos ensinou que a atividade de filosofar não se distingue do próprio ato de viver, que o ato de filosofar

consiste em conscientizar-nos de que nada sabemos.

Sócrates deu um mergulho no saber. Procurou compreender os conflitos da cidade, das gerações, dos costumes e a partir disso, mergulhou profundamente nos problemas de um constante exercício de vida, no confronto diário com as contradições do saber. Quando não há um exercício de confronto e profundidade, a Filosofia lida ou ensinada é inócua, presunçosa e condenável.

Buzzi (1991, p. 149), no seu livro "Introdução ao Pensar", apropriando-se do pensamento de Jaspers, assim se pronuncia sobre o saber diário filosófico:

"Seja a filosofia o que for, está presente em nosso mundo e a ele necessariamente se refere. Certo é que ela rompe os quadros do mundo para lançar-se ao infinito. Mas retorna ao finito para aí encontrar seu fundamento histórico sempre original".

A filosofia nasceu e nasce, portanto, da aspiração de estar em toda parte e em qualquer circunstância. É como o ar que respiramos e que nos coloca diante de questões que exigem "atitudes" para tomarmos certas decisões que preencham as nossas aspirações.

A filosofia pensa a realidade presente. A presença da realidade estimula o pensamento a pensar e fazer filosofia, por isso o homem quando pensa sobre algumas coisas, pensa inserido numa realidade, que lhe pode permitir uma experiência gratificante ou não; uma experiência conflitante, estimulante, que cause em si uma curiosidade para descobrir o caminho da sua interrogação.

O ato de filosofar acontece através da atitude natural do homem em pensar os acontecimentos em sua volta.

Essa atitude produz nas pessoas um certo "espanto", como ocorria com os primeiros filósofos gregos que diante dos fatos, procuravam uma compreensão subjetiva do acontecido em sua volta. Esse "espanto" pode ser entendido por: inquietação, admiração, angústia, medo, entusiasmo e coragem.

Procuramos entender algumas características dessas categorias estabelecidas pelos primeiros filósofos e trabalhadas no pensamento de Buzzi (1991).

a) **Inquietação**: sentimento que procura os segredos dos acontecimentos, numa busca constante e num anseio desejo de ver e conhecer.

b) **Admiração**: o segredo maior do filósofo se revela no ato de ver e sentir o estranhamento daquilo que aparece. Espanto, surpresa e busca constante de compreender o Ser.

c) **Angústia**: ela faz perceber que a existência humana é trágica porque todas as suas possibilidades, além de ser possibilidade-de-sim, são também possibilidade-de-não. Isto é, o homem que

vive, sente o que é possível em tudo aquilo que acontece em sua circunstância.

d) **Medo**: está presente a cada instante, na vida e na morte. E pelo fato do ser humano procurar sempre proteção, o medo o induz a transformar as coisas em meios que os socorram na sua sobrevivência.

e) **Entusiasmo**: alegria, prazer em poder sentir, aprender e produzir o conhecimento. Nesta atitude o filósofo se dispõe a apreensão do saber para os outros homens.

f) **Coragem**: é uma atitude que liberta a consciência do medo. Não simplesmente para uma vitória ou derrota, mas para um sentido de possibilidade: abre-nos para a tentativa, o desafio e o trabalho. Num sentido mais amplo, a coragem do filósofo está em interpretar os acontecimentos e lutar por uma possível transformação...

Após entendermos essas atitudes de "espanto" que faz o filósofo e a filosofia enxergarem mais dinamicamente os acontecimentos, concluímos que para ser filósofo é preciso ir em busca das perguntas e não das respostas. É ir em busca do sonho, da imaginação, interpretação, compreensão das coisas, dos fenômenos, do caos. Ser filósofo é ser do mundo, do mundo chegar as idéias, e das idéias voltar ao mundo, para que as pessoas sintam e percebam a sua existência e saibam que sua contribuição está presente em todos os momentos da vida.

Numa tentativa de sistematizar esse pensamento e pensando que a reflexão feita tem como intenção colaborar com a filosofia no 2º grau, recorremos a Giles no seu livro "O que é filosofar?" (1984, p. 2) para uma consideração geral:

"Todavia, a própria história da humanidade e do esforço filosófico nos mostra que as questões provocadas pela atitude filosófica nunca encontram solução definitiva. Muito pelo contrário: quando encontramos uma solução para determinada questão, esta solução já abre caminho para outras questões. Isto nos leva a reconhecer que filosofar é uma busca criativa de soluções que, por sua natureza, não encontram solução definitiva".

A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NA ESCOLA

Um dos aspectos mais importantes que encontramos no 2º grau é em relação à formação dos jovens e por isso ela deve ser uma educação mediada por um conjunto multidisciplinar dos componentes que devem integrar-se num trabalho interdisciplinar, entendendo a formação como uma atividade integrada, embora cada disciplina tenha seu campo de conhecimento e uma finalidade específica. E dentro deste contexto, a disciplina de filosofia, torna-se importante, pois ela deve possibilitar a construção de uma base cultural, articulando currículo, escola e sociedade, na busca de uma educação formativa dos jovens, ampliando sua visão de mundo.

Esta possibilidade de integração que a filosofia pode ter numa educação geral do aluno, reveste-se da identidade e função que a mesma precisa ter na vida do educando de 2º grau, ou seja, relacionar profundamente as questões trabalhadas em seu conteúdo, com os momentos particularmente vivenciados pelos educandos em decorrência da sua transformação estrutural de papéis e função social.

Neste particular da escola, o 2º grau, encontramos os jovens-adolescentes passando por significativas mudanças cognitivas, físicas, psíquicas, culturais, e que frente aos desafios da sociedade e das novas exigências pessoais, buscam respostas próprias e individuais, sem as vezes perceberem a capacidade de um pensamento abstrato, hipotético e conceitual de um conhecimento global sobre as ciências e o próprio movimento social.

Tal consideração é muito importante pois fundamenta sua tentativa para justificar a disciplina na escola enquanto indagação sobre as questões básicas da existência.

Concretizar uma educação formativa dentro da especificidade da filosofia, significa encontrar parâmetros para que os temas trabalhados em aula, privilegie as experiências existenciais e sociais dos alunos, sem contudo reduzir-se à uma conversa, bate-papo ou até mesmo "terapias", mas direcioná-los à aquisição de um novo conhecimento e uma visão crítica da realidade.

Dentro desse aspecto formativo, de atuação de cada disciplina e sobre a função da escola em relação aos componentes curriculares, a CENP (1992), em documento sobre uma proposta para o ensino de filosofia no 2º grau, divide os componentes curriculares em três áreas distintas e integradas entre si, para que a educação atinja seus objetivos:

"a) Disciplina de conteúdos técnico-científico relacionadas diretamente com o conhecimento objetivo da realidade e com preparação para o mundo do trabalho;

b) Disciplinas do núcleo sócio-histórico direcionadas para a compreensão e atuação no universo das relações sociais objetivadas nas sociedades historicamente determinadas;

c) Disciplinas do âmbito psico-antropológico (literárias, artísticas e filosóficas), direcionadas para a compreensão da cultura simbólica e identidade humana" (CENP, 1992, p. 19).

Em relação a filosofia, além de sua especificidade, implica num esforço com relação à integração do currículo e da formação, pois além da interdisciplinaridade, deve estar voltada para um plano de prática pedagógica, a qual envolve disciplinas científicas, atividades profissionais e culturais.

A especificidade da filosofia não deve ser uma atividade isolada e aleatória aos problemas reais cabendo ao Professor de filosofia compreender que sua aula deve ter um caráter reflexivo, crítico, amplo, aberto à uma perspectiva de formação base-

ada em princípios fundamentais que nortearão o ensino da filosofia no 2º grau.

Partindo dessa referência, podemos dizer que as aulas de filosofia devem pautar-se pelos estudos dos textos dos próprios filósofos; os professores, por sua vez, devem produzir textos, segundo seus temas, para trabalharem durante o semestre ou durante o ano. Há necessidade de fundamentação, pois o professor não pode ensinar filosofia apenas pedindo para que os alunos pensem e reflitam sobre um determinado assunto, sem receberem uma base teórica para aprofundamento e compreensão colocada em aula.

A riqueza dessa disciplina curricular reside na sua pluralidade. Pode não existir uma filosofia, mas várias. As várias abordagens e temas de um mesmo problema poderão dar ao aluno uma compreensão maior e mais rica do seu próprio mundo. Certos assuntos do cotidiano ligados à moral, à política, ao cidadão, ou qualquer outra área, pode ser objeto de investigação dentro das várias formas do pensamento filosófico.

Além disso, numa visão mais prática, o professor de filosofia pode estar ligado a um trabalho conjunto com professores de outras disciplinas. Por exemplo, num estudo sobre o conhecimento envolvendo outras disciplinas científicas, o professor poderá trabalhar os vários conceitos relativos ao tema, como: falso, verdadeiro, os limites de tal conhecimento, a superação do mesmo. E a partir disso, o estudante poderá, através dessa compreensão, entender os aspectos particulares de cada disciplina e a função da mesma nos estudos específicos ou não do conhecimento apreendido.

As aulas de filosofia deverão ser trabalhadas dentro de um projeto educacional, onde programas, conteúdos, atividades culturais, não bastem a si mesmo, mas que possam no decorrer do período trabalhado contribuir para uma formação consciente do aluno, permitindo-lhe subsídios para participar efetivamente na vida política, cultural, social, sempre numa ótica de questionamento, superação e elaboração de um novo conhecimento.

Em Nascimento (1986, p. 117), encontramos no seu pensamento, uma certa concordância sobre como perceber a importância da filosofia:

"...só poderá contribuir para aumentar o instrumental teórico que o estudante terá em mãos para situar-se no seu contexto social, político, histórico, cultural, de tal modo que o leque de possibilidades, tanto no que diz respeito ao levantamento dos problemas quanto no que se refere às suas soluções, estará efetivamente aumentado" (pág. 117).

ESTILO FILOSÓFICO: CARÁTER REFLEXIVO

Para que a especificidade da filosofia tenha sentido na grade curricular e dentro do conteúdo trabalhado, será preciso entendê-la dentro de seu contexto maior, que é o caráter reflexivo, ou seja, o pensamento dentro de uma ação humana que permite a atitude dos homens diante dos acontecimentos da vida.

Reflexão significa "reflectere" que significa "voltar atrás". Ou seja, um repensar, um pensamento em 2º grau. E essa é a tarefa fundamental da filosofia: uma busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidados e interrogar-se sempre sobre as opiniões, impressões, conhecimentos técnicos-científicos e o próprio sentido da filosofia. E para que essa atividade aconteça, é preciso que ela preencha três características básicas, que no dizer de Dermeval Saviani (1986, p. 24) são: a radicalidade (o objeto de reflexão deve ser analisado em profundidade, devendo-se chegar às suas raízes); o rigor (a reflexão precisa ser organizada, metódica, coerente) e de conjunto (o objeto a ser analisado precisa ser tomado em sua relação com o contexto mais amplo em que está inserido).

Este estilo reflexivo da filosofia não pode ser ensinado de uma maneira formal ou diretamente como se aprende uma técnica ou fórmula, mas a partir da interrogação filosófica que professores e alunos possam fazer no entendimento de um pensamento ou corrente filosófica, identificando e interpretando o como e o porquê das construções de pensamento e resposta às indagações feitas pelos filósofos no decorrer da história.

A reflexão filosófica não se pode desenvolver de forma idealista ou abstrata. Em qualquer circunstância que ela trabalhe, pressupõe dados objetivos das ciências e do próprio movimento histórico-social e por isso, ela precisa trabalhar na visão da problematização do conhecimento e da verdade, não no sentido da busca da verdade absoluta, mas a verdade que responda aos anseios das pessoas que estão inseridas no contexto do problema. Através da interdisciplinaridade, a filosofia realiza a articulação cultural entre o indivíduo, a consciência, a ciência, a sociedade, permitindo a construção de uma compreensão crítica em relação com os outros e com o mundo.

É por isso que a filosofia trabalha em íntima relação com as ciências, tomando seus dados como o ponto de referência e ponto de partida. É através dela que se pode articular currículo e formação, superando a divisão existente entre escola e sociedade (acadecismo, tecnicismo).

A filosofia possui um papel importante nesta articulação. Enquanto as ciências trabalham analiticamente seus fenômenos em suas particulari-

dades, a filosofia procura desenvolver uma reflexão global dos acontecimentos, da história, do homem, onde esta atividade é fundamentalmente de síntese, sempre dinâmica e aberta ao eu, ao outro e ao mundo.

Essa visão de totalidade e interdisciplinaridade da filosofia presencia-se dentro do currículo do 2º grau, como proposta de especificidade da disciplina no 2º grau feita pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (1992, p. 21):

"Cabe, pois, à Filosofia tematizar a totalidade do homem, não de forma autônoma e abstrata ou como mera sistematizadora dos resultados das ciências, mas de forma a estabelecer uma relação dinâmica entre a atuação do homem e a conceptualização do mesmo entre a pré-compreensão da totalidade com a situação concreta do homem e os resultados da pesquisa científica. A reflexão filosófica parte dos fenômenos mais significativos da auto-experiência humana, pelos quais os homens se compreendem e se realizam como homens, e reflete sobre as condições de possibilidades desses fenômenos, referindo-se à totalidade da compreensão em cujo horizonte se mostram e podem ser compreendidos, integrando assim os fenômenos particulares e dando-lhes significado a partir do todo, que é um horizonte sempre aberto".

A filosofia enquanto forma de conhecimento diferencia-se das demais ciências pelo caráter reflexivo, ou seja, o conteúdo a ser estudado é resultado do trabalho do pensamento da ação humana e como tal deve ser atendido, pois essa reflexão não pode ser feita no vazio.

Nesse sentido, no dizer de Nunes (1990, p. 127),

"A Filosofia deve estar relacionada com o resgate de um conceito amplo de ciências, superando uma identidade fragmentada e positivista para uma globalidade e totalidade do conhecimento. Neste sentido deveremos, procurar adequar aos conteúdos históricos da Filosofia ao alcance do conhecimento e da reflexão dos jovens".

Após caracterizarmos neste artigo alguns pontos importantes sobre a filosofia na Escola, abordando aspectos da sua origem, importância, reflexão e conhecimento global diferenciado das

ciências, sentimos a necessidade de nos comprometer com a mesma, no sentido em desejar uma disciplina que trabalhe com a realidade existencial do estudante secundarista e que a partir das necessidades deles possamos compreender o papel da mesma e justificar sua presença no segundo grau

sempre numa perspectiva crítica, aberta e transformadora, pois só assim, seremos capazes de fundamentar uma prática pedagógica que interfira no processo educacional constituído.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BUZZI, A. R. Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem. 20.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991.
02. CARTOLANO, M. T. P. Filosofia no 2º grau. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1985.
03. COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS (SEE). Proposta curricular para o ensino de filosofia no 2º grau, 1992. [s.n.t.]
04. GILES, T. R. Filosofia da educação. São Paulo: EDU, 1983.
05. _____. O que é filosofar. São Paulo: EDU, 1983.
06. HUHNE, L. M. Política da filosofia no 2º grau. São Paulo: Sofia Editora, 1986.
07. NETO, H. N. O ensino da filosofia no 2º grau: coletânea de textos distribuídos nos 1º e 2º encontros estaduais de professores de filosofia, realizado em Santos-SP, 1985/1986. São Paulo, Sofia Editora, 1986.
08. NUNES, A. C. A construção de uma nova identidade para a filosofia no 2º grau: contradições e propostas. Campinas: UNICAMP, 1990. (Dissertação de mestrado).
09. SARUP, M. Marxismo e educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
10. SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 10. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1991.
11. SILVEIRA, R. J. T. Ensino de filosofia no 2º grau: em busca de um sentido. Campinas: UNICAMP, 1991 (Dissertação de Mestrado).
12. A VOLTA da filosofia no 2º grau. Revista Reflexão, Campinas, n. 25, 1983.